



PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER À REALIDADE BRASILEIRA

PROPUESTA PARA LA ADAPTACIÓN DE UN PROGRAMA DE EDUCACIÓN DEL OCIO A LA REALIDAD BRASILEÑA

Luciana Pereira de Moura Carneiro*
Aurora Madariaga Ortuzar**
Maria Begoña Garcia Zapirain***
Ricardo Ricci Uvinha****

Resumo: Este estudo reflete sobre adaptações de um Programa de Educação para o Lazer (PEL) a ser aplicado com idosos brasileiros. Utilizando alguns termos de busca, identificamos, em quatro bases de dados, seis estudos que replicaram o PEL escolhido, além do próprio Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995), que aplicaram o modelo pela primeira vez. Este PEL teve como base o “*Community Reintegration Program*” (CRP), desenvolvido por Bullock e Howe (1991) para pessoas com deficiência. Os países nos quais o PEL foi replicado foram Canadá e Taiwan. As adaptações são operacionais e de conteúdo. Assim como ocorreu quando adaptado à Taiwan, propomos que seja adaptado em temas como formato, facilitadores, equipe, frequência, atividades e local de oferta. Além disso, atividades lúdicas devem ser priorizadas na transmissão de seu conteúdo. A aplicação deste PEL pode contribuir para o debate do lazer como uma das mais importantes vias para o Envelhecimento Saudável no Brasil.

Palavras-chave: Envelhecimento Saudável; Educação para o Lazer; Programas de Educação para o Lazer; Idosos; Brasil.

Resumen: Este estudio reflexiona sobre las adaptaciones de un Programa de Educación para el Ocio (PEL) para ser aplicado a los mayores brasileños. Utilizando algunos términos de búsqueda, identificamos, en cuatro bases de datos, seis estudios que replicaban el PEL elegido, además de Searle, Mahon y Iso-Ahola (1995), que aplicaron el modelo por primera vez. Este PEL se basó en el “Programa de Reintegración Comunitaria” (CRP), desarrollado por Bullock y Howe (1991) para personas con discapacidades. Los países en los que se replicó el PEL fueron Canadá y Taiwán. Las adaptaciones son operativas y de contenido. Al igual que cuando se adaptó a Taiwán, proponemos que se adapte en cuanto a formato, facilitadores, equipo, frecuencia, actividades y lugar de oferta. Además, se deben priorizar las actividades lúdicas en la transmisión de su contenido. La aplicación de este PEL puede contribuir al debate sobre el ocio como una de las vías más importantes para el Envejecimiento Saludable en Brasil.

Palabras clave: Envejecimiento saludable; Educación para el Ocio; Programas de Educación para el Ocio; Mayores; Brasil.

1 Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) afirma que, em 2030, 16,6% da população mundial terá 60 anos ou mais e, em 2050, esse número será o dobro. Além disso, a chamada “Quarta Idade” também alcançará níveis jamais vistos, com 426 milhões de pessoas vivendo com 80 anos ou mais entre 2020 e 2050. Acrescenta-se ainda o fato de que, segundo

* Instituto Federal de São Paulo. E-mail: lucianapmoura@ifsp.edu.br

** Universidad de Deusto. E-mail: aurora.madariaga@deusto.es

*** Universidad de Deusto. E-mail: mbgarciazapi@deusto.es

**** Universidade de São Paulo. E-mail: uvinha@usp.br



esta mesma instituição, 4 em cada 5 idosos do mundo viverão, em 2050, em países de baixa ou média renda.

No Brasil, por exemplo, este acelerado processo de envelhecimento não é diferente. Com uma população de pouco mais de 210 milhões de habitantes, “em 2012, o grupo das pessoas de 60 anos ou mais de idade representava 12,8% da população residente, porém, em 2017, esse percentual cresceu para 14,6%.”. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), o Brasil “continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando em 2050 o patamar de 81,29 anos.”

Conscientes do grande desafio que se avizinha, esta (de 2021 a 2030) foi considerada a Década do Envelhecimento Saudável pelas Nações Unidas. A questão levantada por diversas entidades globais é como “adicionar vida a estes anos” (OMS, 2019). Cuenca-Amigo *et al.* (2017) afirma que, neste contexto, é óbvio que é muito importante o desenvolvimento de políticas para este público-alvo.

Diante da urgência em pensarmos estratégias que impactem na qualidade de vida dos idosos brasileiros, o foco deste estudo é o lazer. A participação em atividades de lazer significativas é um preditor do envelhecimento e bem-estar bem-sucedidos (Yoon *et al.*, 2021). Porém, para Cuenca Cabeza (2013), a conscientização sobre a importância de experiências de lazer satisfatórias não acontece espontaneamente, mas através de formação.

Este trabalho centra-se, mais especificamente, na Educação para o Lazer que, segundo Mundy (1998), é um processo de desenvolvimento total através do qual os indivíduos desenvolvem uma compreensão do lazer, do seu eu em relação ao lazer e da relação entre lazer, seu próprio estilo de vida e a sociedade.

Neste sentido, os Programas de Educação para o Lazer (PEL) podem ser uma oportunidade de reflexão sobre a importância do lazer para o Envelhecimento Saudável. Vão ao encontro do que preconiza a Carta Internacional para a Educação para o Lazer da Organização Mundial do Lazer (OML, 2020), que reforça a necessidade de formação de pessoas em todo o mundo sobre esta questão.

Embora já existam alguns PEL aplicados com diferentes públicos-alvo ao redor do mundo, eles são majoritariamente oriundos da América do Norte e, para Hutchinson e Robertson (2012), não respondem a como inserir esses programas onde eles podem ser entregues, explorando novas tecnologias e novos modelos de prestação de serviços. Além disso, existe a necessidade de educar não apenas os indivíduos, mas aqueles que poderiam apoiá-los e orientá-los, como membros da família, educadores e líderes de recreação



(Hutchinson, 2011), fora do domínio da Recreação Terapêutica (Hutchinson; Shannon, 2020).

Essas autoras defendem que o corpo de conhecimento sobre Educação para o Lazer deve mover-se da abordagem centrada na pessoa para abordagens mais dirigidas ao sistema e à política social. Além disso, mostram evidências do potencial da Educação para o Lazer para reduzir as barreiras em nível de sistema e aumentar a participação no lazer e a inclusão na comunidade (Hutchinson; Shannon, 2020).

Diversos outros estudos também têm indicado que os PEL são capazes de fazer frente a questões sociais complexas (Wilkinson; Kmiecik; Harvey, 2020) e podem focar em temas específicos, como inclusão de pessoas com deficiência (Scholl; Dieser; Davison, 2005), combate à obesidade infantil (Shannon, 2012) ou envelhecimento saudável (Chang, 2014; Chang; Yu; Jeng, 2015; Chang; Kao, 2019; Charters; Murray, 2006; Curtis, 2021; Dattilo *et al.*, 2021; Dattilo; Lorek; Sliwinski, 2022; Dunn; Wilhite, 1997; Hsieh, 2009; Janssen, 2004; Kao; Chang, 2017; Lovell; Dattilo; Jekubovich, 1996; Mahon; Searle, 1994; McMahan, 2007; Nour *et al.*, 2002; Ritcey *et al.*, 2016; Searle; Mahon, 1991; Searle; Mahon; Iso-Ahola, 1995; Searle; Mahon; Iso-Ahola, 1998; Shimura, 1994; Stewart, 2000).

Este artigo analisa um PEL desenvolvido por autores canadenses em 1995 que foi replicado por outros pesquisadores nos anos seguintes. O principal objetivo é refletir sobre as adaptações necessárias para a aplicação deste PEL com idosos brasileiros. Com isso, na Década do Envelhecimento Saudável das Nações Unidas (2021-2030), pretendemos contribuir para a superação deste importante desafio social do século XXI.

2 Metodologia

Para o desenvolvimento deste estudo nós realizamos um levantamento dos artigos publicados em inglês que apresentavam a aplicação do PEL desenvolvido por Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) com idosos. Na busca realizada em quatro bases de dados (EBSCO Host, Web of Science (WoS), Scopus e ProQuest), foram identificados 6 documentos com estas características, além do próprio artigo de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995).

Utilizamos os seguintes termos de busca: *"leisure education program" OR "leisure education" OR "leisure counselling" OR "leisure literacy") AND ("older adults" OR "aged" OR "elderly" OR "frail elderly" OR "old age" OR "old old adults" OR "senior citizens" OR "young old adults" OR "aging" OR "older adulthood" OR "older people."*

Identificamos que o PEL aplicado por Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) teve como base o modelo denominado “*Community Reintegration Program*” (CRP), desenvolvido por Bullock e Howe (1991) para pessoas com deficiência. Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) adaptaram o programa para aplicação com pessoas de 60 anos ou mais. Desde então, o PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) foi aplicado com este mesmo público-alvo em diversas outras pesquisas.

Os países nos quais o PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) foi replicado, nos últimos 28 anos, foram Canadá e Taiwan. Os estudos que apresentaram a replicação deste PEL foram Searle, Mahon e Iso-Ahola (1998), Stewart (2000), Chang (2014) e Chang, Yu e Jeng (2015). Além disso, Kao e Chang (2017) e Chang e Kao (2019) utilizaram este mesmo programa, porém com algumas adaptações para a realidade de Taiwan. O Quadro 1 descreve as referências completas dos 7 estudos identificados.

Quadro 1 - Estudos incluídos na análise

1	CHANG, L.-C. Leisure education reduces stress among older adults. Aging & MentalHealth , v. 18, n. 6, p. 754–758, 2014.
2	CHANG, L.-C.; YU, P.; JENG, M.-Y. Effects of leisure education on self-rated health among older adults. Psychology, Health & Medicine , v. 20, n. 1, p. 34–40, 2015.
3	CHANG, L.-C.; KAO, I.-C. Enhancing social support and subjective vitality among older adults through leisure education. International Psychogeriatrics , v. 31, n. 12, p. 1839–1840, 2019.
4	KAO, I.; CHANG, L. Long-term effects of leisure education on leisure needs and stress in older adults. Educational Gerontology , v. 43, n. 7, p. 356–364, 2017.
5	SEARLE, M. S.; MAHON, M. J.; ISO-AHOLA, S. E. Enhancing a sense of independence and psychological well-being among the elderly: A field experiment. Journal of Leisure Research , v. 27, n. 2, p. 107–124, 1995.
6	SEARLE, M. S.; MAHON, M. J.; ISO-AHOLA, S. E. Examining the long-term effects of leisure education on a sense of independence and psychological well-being among the elderly. Journal of Leisure Research , v. 30, n. 3, p. 331–340, 1998.
7	STEWART, W. R. Leisure education and older women’s participation in leisure activities [M.Sc., University of Manitoba (Canada)]. In ProQuest Dissertations and Theses (304641255). 2000.

Fonte: Elaboração própria.

3 Referencial teórico

Envelhecer é um processo biológico que pode ser muito influenciado pelo ambiente físico e social em que a pessoa vive e sobre como ela interage com o ambiente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020, p. XIII), “envelhecimento saudável é o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar na velhice”. A capacidade funcional inclui a capacidade de atender às necessidades básicas; capacidade de aprender, crescer e tomar decisões; mobilidade; capacidade de



construir e manter relacionamentos; e capacidade de contribuir (OMS, 2020).

Um das áreas mais importantes para o Envelhecimento Saudável é o lazer. Hutchinson e Nimrod (2012) e Chang (2015) argumentam que a maioria dos idosos têm tempo para participar de experiências prazerosas. Entretanto, muitos parecem incapazes de aproveitar as oportunidades de lazer que já existem em suas comunidades e/ou instituições (Backman; Mannell, 1986).

Hutchinson e Kleiber (2023) afirmam que o lazer tem potencial para contribuir com a autorrealização e a integração social, além de ter valor funcional ao permitir lidar com circunstâncias difíceis, incluindo aquelas que estão comprometendo a saúde física e mental das pessoas. Todas as formas de lazer (Lazer Casual - breves momentos de lazer; Lazer sério - requer um investimento significativo de habilidades e atenção; e Experiências de lazer pessoalmente significativas - permitem a expressão autêntica de si mesmo) são importantes para apoiar as pessoas que planejam o uso do seu tempo livre (Hutchinson; Kleiber, 2023). Caldwell (2005) realizou uma revisão de literatura e concluiu que o lazer pode contribuir para a saúde física, social, emocional e cognitiva, ajudando a prevenir, lidar e superar problemas. Mas esta não é a realidade do uso do tempo livre entre centenas de milhares de idosos ao redor do mundo. Em geral, há um mau uso desse tempo “disponível”, com atividades passivas e solitárias (Cho; Post; Kim, 2018), que não contribuem para um Envelhecimento Saudável. Por outro lado, algumas atividades de lazer são vistas como potencialmente más para a saúde. Passmore e French (2000) identificaram que atividades de lazer sem envolvimento, como assistir televisão sozinho, foram relacionadas à questões mentais negativas (Best, 2010).

De fato, esta constatação não surge hoje. Em 1975, o Professor Tony Mobley, em seu artigo “*Leisure education and the quality of life*”, dizia que, em todo o mundo, se estavam preparando os indivíduos "para ganhar a vida", ao invés de ensiná-los a "viver". Afinal, "quando a necessidade de trabalho não é mais o fator dominante na vida de alguém, então essa pessoa deve estar preparada para experiências significativas de vida fora do trabalho". Autores mais recentes diriam que todas as pessoas, em todas as fases da vida, precisam aprender sobre a importância das experiências significativas de lazer, o chamado Ócio Valioso (Cuenca Cabeza, 2005).

Cuenca Cabeza (2005) ressalta que nos últimos 50 anos houve grande progresso e múltiplas experiências de Educação para o Lazer, mas ainda há muito a fazer. Em 1960, nos Estados Unidos, começa-se a falar sobre preparar as crianças e os jovens para desfrutarem do seu tempo livre ou da utilização do tempo livre para a aprendizagem (Cuenca Cabeza, 1999).



Já na década de 1970, são lançados Programas, Manuais e Publicações de Aconselhamento de Lazer nos Estados Unidos (Cuenca Cabeza, 1999).

Na década seguinte (1980), houve avanços mais significativos neste campo. Começa-se a discutir a necessidade de formação para desfrutar de uma ociosidade digna e humana em qualquer idade (Cuenca Cabeza, 1999; Lázaro; Monteagudo, 2002). Duas tendências em estudos neste campo: uma focada em fornecer informações para ajudar as pessoas a selecionar as atividades de lazer nas quais participar e a outra fora do domínio da recreação terapêutica (Hutchinson; Shannon, 2020), mais focada no uso de técnicas específicas.

Em 1990, consolida-se a corrente que estuda a educação formal para o lazer, além da educação não formal, bem como o lazer como fator de igualdade de oportunidades entre as pessoas. Os estudiosos desse período buscaram um consenso sobre os objetivos e perspectivas de aplicação da Educação para o Lazer, principalmente com análise de grupos específicos (Lázaro; Monteagudo, 2002).

Atualmente, surgem duas questões principais. A primeira é desenvolver e analisar os efeitos de estratégias destinadas a promover a inclusão de todos em serviços e oportunidades de lazer na comunidade e a segunda é analisar os métodos para apoiar indivíduos e instituições sobre formas de iniciar e manter o engajamento inclusivo no lazer por meio da Educação para o Lazer (Dattilo, 2017).

4 Resultados e Discussões

O PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) é composto por 12 unidades. Quadro 2.

Quadro 2 - As 12 unidades do PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995)

Unidade	Título	Meta*	Objetivo*	Conteúdo
1	O que você faz no seu tempo de lazer?	Demonstrar conscientização em lazer	(1) promover a compreensão sobre o PEL e desenvolver o interesse em participar; (2) discutir os benefícios do lazer (p. ex.: bem-estar físico e mental); (3) identificar seis interesses pessoais em lazer.	Nesta unidade o participante conhece os benefícios potenciais do lazer no bem-estar físico e mental e identifica seus interesses pessoais sobre lazer.
2	Por que você faz o que faz?	Demonstrar consciência das razões pessoais para a participação no lazer.	(1) identificar e descrever, pelo menos, dois benefícios, razões e/ou interesses relacionados com a participação nas atividades de lazer específicas identificadas na Unidade 1.	Com base nos interesses identificados na unidade 1, o facilitador auxilia os participantes a identificar o que os motiva a participar destas atividades de lazer em



				específico.
3	Como isso acontece?	Demonstrar conhecimentos dos requisitos para participar nas atividades preferenciais da unidade 1.	(1) identificar as habilidades físicas, mentais e sociais necessárias para participar de suas atividades preferidas.	O participante realiza uma análise de cada um de seus interesses recreativos, avaliando as habilidades físicas, mentais e sociais necessárias para cada uma delas.
4	Você pode fazer isso?	Demonstrar consciência das atuais capacidades e limitações no campo do lazer.	(1) identificar as capacidades físicas, mentais e sociais atuais necessárias para participar nas suas atividades de lazer preferidas; (2) identificar limitações físicas, mentais e sociais para participar; (3) identificar e encaminhar a negação de limitação, avaliando de forma realística as capacidades atuais.	Os participantes são ensinados a avaliar suas capacidades físicas e mentais atuais e potenciais, e como elas podem afetar o envolvimento recreativo futuro.
5	Você pode/vai se adaptar?	Indicar conhecimento das adaptações de atividades ou modificações de equipamentos necessários para a participação no lazer.	(1) entender a diferença entre adaptações de atividades e modificações de equipamentos; (2) determinar se adaptações de atividades ou modificações de equipamentos foram necessários para facilitar a participação no lazer; (3) saber onde adquirir modificações de equipamentos ou como fazer adaptações das atividades, quando necessário.	Cada um dos clientes é exposto aos conceitos de adaptação da atividade/modificação de equipamentos e é ensinado a utilizar os procedimentos para facilitar a participação satisfatória no lazer.
6	Quais são as barreiras?	Demonstrar consciência das barreiras de lazer.	(1) identificar barreiras físicas, atitudinais e/ou de recursos às atividades de lazer identificadas na unidade 1; (2) superar barreiras físicas, atitudinais e/ou de recursos utilizando técnicas de resolução de problemas; (3) demonstrar capacidade de superar barreiras através da participação real em atividades de lazer.	Os participantes identificam as barreiras que podem enfrentar e indicam maneiras para superá-las, a fim de que participem das atividades de lazer escolhidas.
7	Quais os planos para o futuro?	Demonstrar consciência do planejamento de lazer.	(1) desenvolver metas de curto prazo (0 - 6 meses) e de longo prazo (7 meses ou +) para a participação nas atividades de lazer.	Os participantes são ensinados a fazer planos de lazer realistas de curto e longo prazo.



8	O que mais existe?	Selecionar atividades de lazer alternativas se as barreiras não puderam ser superadas, adaptações impossíveis ou modificações de equipamentos inatingíveis.	(1) buscar atividades que tivessem razões ou benefícios semelhantes às atividades de lazer originalmente identificadas na unidade 1; (2) selecionar uma atividade alternativa e aplicar as unidades 3 a 7 a essa atividade.	Nesta unidade, os clientes exploram outras atividades de recreação em potencial, determinam quais habilidades devem aprender para participar e desenvolvem planos para facilitar sua participação nessas atividades.
9	Quais são os recursos disponíveis?	Identificar pessoas que poderiam prestar um apoio social.	(1) identificar pessoas específicas que poderiam prestar apoio físico, emocional e/ou atitudinal para facilitar a participação no lazer; (2) ser assertivo nos pedidos de ajuda, quando adequado.	Os participantes são ensinados a identificar quem pode atuar como um suporte para que eles realizem seus objetivos de lazer e como fazer solicitações claras e assertivas de ajuda.
10	Quais os recursos pessoais necessários ?	Demonstrar consciência dos recursos pessoais para participação em atividades de lazer.	(1) identificar recursos financeiros, de transporte, comunitários e de equipamentos disponíveis para a participação em atividades de lazer.	Cada um dos participantes é ensinado a avaliar os recursos pessoais, incluindo itens como finanças, transporte e equipamentos, conforme se relacionam com seus planos de lazer.
11	Quais os recursos disponíveis no local onde vivem?	Demonstrar consciência dos recursos da comunidade.	(1) identificar fontes de informação de lazer disponíveis na comunidade; (2) determinar o nome de duas organizações ou agências locais onde as atividades de interesse são oferecidas; (3) localizar e participar de uma atividade de recreação oferecida em uma agência ou organização comunitária.	Os participantes são expostos aos recursos da comunidade e são ensinados a avaliar esses recursos como um meio de facilitar a participação baseada na comunidade.
12	Antes de terminar	Resumir os planos de lazer.	reavaliar e/ou revisar metas articular seu plano de participação em atividades de lazer.	Os participantes são convidados a reavaliar e, se necessário, rever seus objetivos. Isso é importante para garantir que eles sejam capazes de continuamente reavaliar seus objetivos de lazer.

Fonte: Stewart (2000)

Taiwan é um país que tem tradição em aplicar PEL, já que o faz há mais de 60 anos (Chang, 2014), porém somente com crianças e adolescentes, e não com idosos. Portanto, para a aplicação do PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) com idosos de Taiwan foram feitas algumas adaptações. Quadro 3.

Quadro 3 - Adaptações do PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) pelos autores taiwaneses

Unidade	Identidade cultural de Taiwan	Alteração do PEL aplicado em Taiwan
Operacional	Atividades em grupos	O PEL de Searle et al. (2015) foi aplicado pelos autores taiwaneses em grupos, enquanto que, na versão original, Searle et al (2015) o aplicaram individualmente.
Conteúdo - Unidade 9	As relações entre os familiares são fortemente enfatizadas.	Os participantes foram ensinados que, além dos acompanhantes de lazer, os familiares também podem apoiá-los na busca de objetivos de lazer.
Conteúdo - Unidade 11	Os taiwaneses compartilham menos recursos de lazer do que os americanos porque a densidade populacional de Taiwan é substancialmente maior do que a dos Estados Unidos.	Os participantes foram ensinados a usar efetivamente os recursos públicos de lazer perto de sua comunidade fora dos horários de pico.

Fonte: Elaboração própria.

O PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) impactou a vida dos idosos participantes destes sete estudos em diversos fatores. Quadro 4.

Quadro 4 - Fatores nos quais o PEL analisado impactou a vida dos participantes

Autores	Fator	Instrumento de mensuração	Melhorou?
Searle, Mahone e Iso-Ahola (1995)	Leisure Control	Perceived Leisure Control Scale (Witt; Ellis, 1987)	Sim
	Leisure Competence	Perceived Leisure Competence Scale (Witt; Ellis, 1987)	Sim
	Leisure Boredom	Leisure Boredom Scale (Iso-Ahola; Weissinger, 1987, 1990)	Sim
	Life Satisfaction	Life Satisfaction Index (Neugarten; Havighurst; Tobin, 1961; Wood; Wylie; Sheafor, 1969)	Sim
Searle, Mahon e Iso-Ahola (1998)*	Leisure Control	Perceived Leisure Control Scale (Witt; Ellis, 1987)	Sim
	Leisure Competence	Perceived Leisure Competence Scale (Witt; Ellis, 1987)	Sim
	Life Satisfaction	Life Satisfaction Index (Neugarten; Havighurst; Tobin, 1961; Wood; Wylie; Sheafor, 1969)	Não
	Leisure Boredom	Leisure Boredom Scale (Iso-Ahola; Weissinger, 1987, 1990)	Sim
Stewart (2000)	Leisure Participation	Current & Past Leisure Activity Finder e Telephone Checklist	Não
Chang (2014)	Leisure Competence	Chang's (2012) Leisure Competence Scale.	Sim
	Stress	Cohen, Kamarck, e Mermelstein's (1983) Perceived Stress Scale – 14 items	Sim



Chang, Yu e Jeng (2015)	Leisure Autonomy	Chang e Yu's (2013) Leisure Autonomy Scale.	Sim
	Self-Rated Health (SRH)	"Overall, how would you rate your health at present?". The subjects were asked to rate their overall health on a 5-point scale, from 1 (poor) to 5 (excellent).	Sim
Kao e Chang (2017)*	Leisure autonomy	Chang e Yu's (2013) Leisure Autonomy Scale.	Sim
	Stress	Perceived Stress Scale (Cohen <i>et al.</i> , 1983)	Sim
	Leisure Competence	Chinese scale of Chang e Yu (2013), a modified version of leisure competence scale in the study of Weissinger e Bandalos (1995)	Sim
Chang e Kao (2019)	Social Support	Social support - 16-item scale (Chang, 2017)	Sim
	Subjective vitality	Subjective vitality - 7-item scale (Ryan; Frederick, 1997)	Sim

* Longo prazo.

Fonte: Elaboração própria.

Portanto, trata-se de um PEL que impacta positivamente a vida dos idosos participantes em temas como Controle de Lazer, Competência de Lazer, Tédio no Lazer, Satisfação com a Vida, Estresse, Autonomia no Lazer, Autoavaliação de Saúde, Apoio Social e Vitalidade Subjetiva. Neste sentido, propõem-se, neste estudo, algumas alterações a fim de replicá-lo junto a idosos brasileiros.

Para a aplicação deste PEL com idosos brasileiros, se propõem algumas adaptações, tanto em termos operacionais como com relação ao conteúdo.

Em termos operacionais, propõe-se que o PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) seja, assim como foi em Taiwan, aplicado com grupos de idosos. Diante da densidade populacional do país, a aplicação do PEL individualmente não proporcionaria uma adequada utilização dos recursos físicos e humanos dispensados ao Programa. Para Hutchinson (2012), é importante trazer a Educação para o Lazer para o ambiente comunitário, onde há potencial para que seja acessível e beneficie as pessoas que experimentam barreiras para estar totalmente envolvidas em atividades que poderiam contribuir para sua saúde física e mental, visando seu próprio bem-estar e de suas comunidades.

Com a ausência de uma ampla oferta de profissionais especialistas em Recreação Terapêutica (conhecidos como TRS em alguns países), os facilitadores deste PEL no Brasil poderiam ser profissionais e/ou pesquisadores do campo do Lazer, ou pessoas treinadas por eles. Considera-se relevante pensar a capacitação de líderes de grupos de Terceira Idade, por exemplo, haja vista que são agrupamentos muito comuns em cidades brasileiras de pequeno, médio e grande porte. Estes líderes já estão em contato com idosos com alguma pré-disposição em participar de atividades propostas na comunidade. Hutchinson (2012) diz que



os prestadores de serviços de recreação precisam aceitar e abraçar seu papel e suas responsabilidades para melhorar a alfabetização em lazer de seus participantes e comunidades e identificar maneiras eficazes de fazer isso. Para ela, é preciso desenvolver habilidades e confiança dos prestadores de serviços e voluntários para mudar a visão de um papel de programador para um papel de educador de lazer. Há uma necessidade urgente de formá-los em Educação para o Lazer.

Além disso, à exemplo do que já acontece no Canadá (Wilkinson; Kmiecik; Harvey, 2020), podem ser incentivadas pesquisas que desenvolvam PEL com base comunitária, treinando estudantes universitários para o oferecimento desta formação. Em cada localidade brasileira poderiam ser buscados parceiros comunitários excelentes para o desenvolvimento e a oferta de PEL para idosos (Sivan; Stebbins, 2011; Wilkinson; Kmiecik; Harvey, 2020).

O PEL aplicado por Wilkinson, Kmiecik e Harvey (2020) com crianças canadenses inclui a participação de uma equipe de quatro pessoas, sendo o professor do curso, o coordenador do programa e dois assistentes de ensino que tomam notas sobre o processo e o conteúdo. Para estes autores, esta ampla supervisão impacta na qualidade do desenho e entrega dos módulos. Sugere-se que o PEL aplicado no Brasil conte, também, com uma pequena equipe, com funções bem delimitadas, a fim de garantir a qualidade dos serviços prestados no âmbito da Educação para o Lazer com idosos.

Na América do Norte, vários pesquisadores têm refletido sobre a necessidade de “usar abordagens políticas sociais na Educação para o Lazer” (Dieser, 2020, p. 7). Ou seja, considerar que este processo deve buscar uma mudança de comportamento não somente do indivíduo, mas também do microsistema ao seu redor (como familiares e outros provedores de serviços) e da própria comunidade, enquanto política social. Para Hutchinson e Shannon (2020), existe a necessidade de engajar o microsistema de um indivíduo nos processos de Educação para o Lazer a fim de reduzir barreiras, melhorar o acesso, aumentar a alfabetização no lazer e/ou melhorar as experiências de lazer. Para estas autoras, os prestadores de serviços de recreação estão entre os microsistemas discutidos. Um PEL aplicado a este grupo poderia reforçar esta conscientização e ter um efeito multiplicador com outros idosos ao ser redor.

Ao invés de duas vezes por semana, por um período de três meses, propõe-se que o PEL aplicado no Brasil aconteça uma vez por semana, diante das distâncias que devem ser percorridas pelos idosos para chegar ao local de aplicação do programa. Sendo assim, com as unidades acontecendo uma vez por semana, por duas horas, sugere-se que se ampliem as



atividades práticas e lúdicas. Este é um dos desafios traçados no campo da Educação para o Lazer no início do século XXI que ainda não foi plenamente vencido: refere-se à ludicidade necessária para trabalhar com temas de conscientização sobre o lazer. Martínez (2002) afirma que os PEL devem evitar a rigidez, estar atentos às singularidades dos participantes e favorecer a criação de climas descontraídos e lúdicos. Ou seja, esta formação deve ser, em si mesma, uma experiência de lazer. Portanto, para uma aprendizagem significativa com relação à Educação para o Lazer, propõe-se que o PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) seja aplicado utilizando um arcabouço de atividades práticas e lúdicas, pensadas especificamente para o público idoso brasileiro do século XXI.

Os locais para oferecimento deste tipo de programa podem ser públicos ou privados, como universidades, escolas, igrejas, clubes recreativos e de terceira idade, associações comerciais, entidades de classe, etc. Segue abaixo quadro com as adaptações de cunho operacional propostas para o PEL aplicado com idosos brasileiros. Quadro 5.

Quadro 5 - Adaptações operacionais do PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) para aplicação no Brasil.

Formato	Aplicado com grupos de idosos.
Facilitadores	Profissionais e/ou pesquisadores do campo do Lazer, ou pessoas treinadas por eles (como líderes de grupos de Terceira Idade, estudantes universitários, entre outros).
Equipe	Pequena equipe, com funções bem delimitadas.
Frequência	01 vez por semana, por 02 horas.
Atividades	Atividades práticas e lúdicas, pensadas especificamente para o público idoso.
Local	Público ou privado (universidades, escolas, igrejas, clubes recreativos e de terceira idade, associações comerciais, entidades de classe, etc.).

Fonte: Elaboração própria.

O Lazer é um direito de todos, garantido no artigo 24 e 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. A Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988), em seu artigo 6º, também estabelece que o Lazer é um direito dos cidadãos brasileiros. Para Dattilo (2017), ter direito ao lazer significa ter direito a oportunidades de lazer e a Educação para o Lazer. Entretanto, no Brasil, os serviços de apoio aos idosos são bastante restritos à itens básicos relacionados à saúde e ao social, não alcançando integralmente, na maioria das cidades brasileiras, o direito ao lazer.

O Lazer como um direito dos cidadãos brasileiros deve ser respeitado por todos e garantido pelo Estado. Quando pensamos no Lazer dos idosos, impossível não refletir sobre o perfil das pessoas com 60 anos ou mais do Brasil dos dias atuais, muito diferente dos idosos de algumas décadas atrás.

Este perfil de idosos (ativo, aberto a novas possibilidades, disposto a participar)



precisa ser contemplado por PEL aplicados no país. Porém, não é possível pensar o oferecimento de um PEL passivo, com “palestras” nos diferentes módulos. É preciso inovar. No PEL oferecido por Wilkinson, Kmiecik e Harvey (2020), os autores relatam três lições entregues de maneira inovadora para crianças, em temas de Conscientização de Lazer, Habilidades de Interação Social e Habilidades de Lazer. Propõe-se que algumas destas atividades práticas sejam adaptadas para a realidade brasileira, com foco no idosos. Quadro 6.

Quadro 6 - Adaptações de conteúdo do PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) e propostas para o Brasil com base em Wilkinson, Kmiecik e Harvey (2020)

Tema	Conteúdo	Atividade com as crianças	Discussão com as crianças após a atividade	Proposta de adaptação para idosos brasileiros	Discussão com os idosos após a atividade
Conscientização de Lazer	Benefícios do Lazer	As crianças, em linha, devem ir de um lado a outro do ginásio de maneiras diferentes (andando, saltando, correndo, etc.)	<ul style="list-style-type: none">- benefícios de aprender a semover de diferentes formas (trabalhar músculos, fortalecer diferentes partes do corpo, usar a criatividade);- diferentes atividades de lazer requerem movimentos diversos;	<p>1ª etapa: Pedir que os idosos atravessassem a quadra normalmente.</p> <p>2ª etapa: Os idosos recebem cartões com instruções individuais, considerando as condições físicas de cada um, observadas previamente pelos facilitadores (Corra, Ande rápido, Ande devagar, Dê três passos e um pulinho; Vá dançando; etc.). Ao som de uma música animada, são orientados a atravessar a quadra seguindo a instrução que consta no seu cartão.</p> <p>3ª etapa: Os idosos são orientados a buscar aqueles que têm os mesmos cartões que eles e voltar a quadra repetindo o movimento, porém, agora, juntos (em grupo, com as mãos dadas ou bem próximos).</p>	<ul style="list-style-type: none">- identificar o que é lazer;- perceber a variedade de atividades existentes;- refletir sobre o que já fazem (por costume) e o que poderia ser feito de diferente;- discutir os benefícios do lazer;- abordar as experiências de lazer dentro e fora de casa, sozinhos ou em grupos.
	Barreiras para experienciar lazer	As crianças, em linha, se preparam para voltar. Os facilitadores colocam diversos obstáculos no caminho (bambolês, Pequenos blocos, cones). Nas três vezes, os facilitadores colocavam barreiras adicionais.	Eles falavam sobre os desafios e as frustrações ao encontrar uma barreira (como se sentiram com a atividade, quais as dificuldades encontradas e como eles gerenciaram a superação das barreiras). Quais as barreiras para que eles	A mesma proposta poderia ser aplicada com idosos, considerando as condições físicas de cada um.	<ul style="list-style-type: none">- identificar as barreiras para a prática de suas atividades de lazer preferidas;- pensar estratégias para superar estas barreiras;- sistematizar o aprendizado do dia em fichas - no papel (sozinhos ou com o auxílio da equipe, caso necessário);



			participem em atividades de lazer?		
Habilidades de Interação Social	Comunicação efetiva	Em círculo, as crianças brincam de telefone sem fio. Diversas rodadas, usando diferentes mensagens e diferentes pontos de início.	Importância de ouvir quando brincam; o papel do remetente e do destinatário em um jogo; o impacto da quebra de comunicação durante o jogo.	A mesma proposta poderia ser aplicada com idosos, considerando as condições físicas de cada um. Ao invés de sentar-se no chão da quadra, em círculo, os participantes permaneceriam nas rquibancadas.	- ser assertivo nos pedidos de ajuda para participar nas atividades de lazer desejadas.

Fonte: Elaboração própria.

5 Conclusão

O principal objetivo deste artigo foi refletir sobre as possíveis adaptações para a aplicação do PEL desenvolvido por Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) com idosos brasileiros. Neste sentido, propusemos algumas adaptações de cunho operacional e de entrega dos conteúdos. Considerando estas propostas, acreditamos que o PEL de Searle, Mahon e Iso-Ahola (1995) pode ser uma boa alternativa para embasar um programa a ser aplicado com este público-alvo no Brasil.

Sugerimos que este PEL seja adaptado à realidade brasileira e aplicado com grupos de idosos no país utilizando pré/pós testes a fim de mensurar se os fatores que apresentaram melhorias em outros estudos (como no Canadá e em Taiwan, por exemplo) também o fazem no Brasil. Acreditamos que, se a formação proposta for lúdica em si, como coloca Martínez (2002), os PEL podem ser mais atrativos para o público-alvo em questão. Ou seja, esse treinamento deve ser, em si, uma experiência de lazer. Desta forma, considera-se que será possível conscientizar as pessoas com 60 anos ou mais no Brasil sobre como alcançar o lazer como tomar suas próprias decisões e planos de lazer (Hutchinson, 2012).

Este PEL permitirá que eles se conscientizem da importância de viver vidas mais significativas, saudáveis e ativas. Pode promover uma mudança de atitude que levará a



melhorias em sua qualidade de vida. Em alguns casos, pode, inclusive, contribuir para aumentar o número de anos de vida saudáveis. Além disso, é possível que haja um efeito multiplicador entre outros indivíduos.

Mais do que capacitar os idosos e as pessoas ao seu redor, dar início à oferta de PEL para idosos no Brasil pode levar a discussão sobre o Lazer como via para o Envelhecimento Saudável para outros âmbitos, mais sistêmicos e sociais, e menos individuais, como preconiza Hutchinson e Shannon (2020). Nesta década de 2021 a 2030, pretendemos contribuir para avançar nos estudos sobre Educação para o Lazer no Brasil, em todas as fases da vida, mas principalmente durante a Terceira Idade, buscando a superação deste importante desafio: o Envelhecimento Saudável.

Levantar este debate na sociedade pode atingir, a médio e/ou longo prazo, os tomadores de decisão no âmbito público. Diante da conscientização sobre a importância do lazer para o Envelhecimento Saudável, é possível que iniciativas como esta contribuam para a reflexão sobre a necessidade de políticas públicas de lazer mais robustas no país. Além disso, este artigo aprimora o corpo do conhecimento sobre Educação para o Lazer com idosos no Brasil, trazendo uma metodologia proposta há décadas e replicada no Oriente e no Ocidente.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq) que financiou esta pesquisa por meio da Chamada 26/2021 - Pós-Doutorado no Exterior (PDE).

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292p.

BACKMAN, S. J., MANNELL, R. C. Removing attitudinal barriers to leisure behavior and satisfaction: A field experiment among the institutionalized elderly. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 20, n. 3, p. 46–53, 1986.

BEST, S. **Leisure Studies: Themes and Perspectives**. Londres: SAGE Publications Ltda, 2010.

BULLOCK, C. C., HOWE, C. 2. A model therapeutic recreation program for the reintegration of persons with disabilities into the community. **Therapeutic Recreation**



Journal, v. 25, p. 7- 17, 1991.

CALDWELL, L. Leisure and health: why is leisure therapeutic? **British Journal of Guidance & Counselling**, v. 33, n. 1, 2005.

CHANG, L.-C.; KAO, I.-C. Enhancing social support and subjective vitality among older adults through leisure education. **International Psychogeriatrics**, v. 31, n. 12, p. 1839–1840, 2019.

CHANG, L.-C.; YU, P., JENG, M.-Y. Effects of leisure education on self-rated health among older adults. **Psychology, Health & Medicine**, v. 20, n. 1, p. 34–40, 2015.

CHANG, L.-C. Leisure education reduces stress among older adults. **Aging & Mental Health**, v. 18, n. 6, p. 754–758, 2014.

CHARTERS, J.; MURRAY, S. “Boon.” Design and evaluation of a leisure education program for caregivers of institutionalized care recipients. **Topics in Geriatric Rehabilitation**, v. 22, n. 4, p. 334–347, 2006.

CHO, D.; POST, J.; KIM, S. K. Comparison of passive and active leisure activities and life satisfaction with aging. **Geriatr Gerontol Int.**, v. 18, n. 3, p. 380-386, 2018.

CUENCA-AMIGO, M., ARISTEGUI, I., CUENCA CABEZA, M., AMIGO, M. L. The importance of leisure in older adults living in Spain. **Annals of Leisure Research**, v. 20, n. 2, p. 222-239, 2017.

CUENCA CABEZA, M. Ocio y Formación: hacia la equiparación de oportunidades mediante la Educación de Ocio. **Documentos de Estudios de Ocio**, 7. Bilbao: Universidad de Deusto. 1999.

CUENCA CABEZA, M. Ocio solidario: la experiencia en grupos de jóvenes y jubilados. **Documentos de Estudios de Ocio**, 29. Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio. 2005.

CUENCA CABEZA, M. Ocio valioso en tiempos de crisis. In: TORÍO, S. et al. **La crisis social y el Estado del Bienestar: las respuestas de la Pedagogía Social**. Oviedo: Universidad de Oviedo. 2013.

CURTIS, L. G. **A Nature-Based Leisure Education Program for Older Veterans Residing in a Community Living Center (CLC)**. [M.S., California State University, Sacramento]. 2021.

DATTILO, J. Inclusion and education: creating a path to leisure and human development. In: Monteagudo Sánchez, M. J. (ed.), **Leisure experiences, opportunities and contributions to human development**. Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio. 2017.

DATTILO, J.; LOREK, A.; SLIWINSKI, M.; CHEN, S.-T.; HILL, N. An examination of video assisted leisure education in middle-aged and older adults. **Journal of Leisure Research**, v. 52, n. 2, p. 227–246, 2021.

DATTILO, J.; LOREK, A. E.; SLIWINSKI, M. Effects of Video-Assisted Leisure Education on Leisure, Loneliness, and Affect of Older Adults. **Leisure Sciences**, p. 1–21, 2022.



DIESER, R. B. Re-imagining leisure education with Canadian hope: will the caravan of American individualism keep rolling? **Leisure/Loisir**, v.44, n. 3, p. 317-326, 2020.

DUNN, N.; WILHITE, B. The effects of a leisure education program on leisure participation and psychosocial well-being of two older women who are home-centered. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 31, 1997.

HSIEH, C. Y. **The effects of leisure education on Chinese older adult immigrants**. California State University, Long Beach. 2009.

HUTCHINSON, S.; ROBERTSON, B. Leisure Education: a new goal for an old idea whose time has come. **Pedagogía Social: Revista Interuniversitaria**, v. 19, p. 127-139, 2012.

HUTCHINSON, S.; KLEIBER, D. On Time, Leisure, and Health in Retirement: Implications for Public Health Services. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 20, n. 3, p. 2490, 2023.

HUTCHINSON, S. L.; NIMROD, G. Leisure as a resource for successful aging by older adults with chronic health conditions. **Int J Aging Hum Dev**, v. 74, n. 1, p. 41-65, 2012.

HUTCHINSON, S.; SHANNON, C. S. Innovations in leisure education: revisiting and re-imagining leisure education. **Leisure/Loisir**, v. 44, n. 2, p. 1-10, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População brasileira envelhece em ritmo acelerado**. 27 de novembro de 2008. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=1272&t=ibge-populacao-brasileira-envelhece-ritmo-acelerado&view=noticia>. Acesso em: 9 mai. 2021.

JANSSEN, M. A. The Effects of Leisure Education on Quality of Life in Older Adults. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 38, n. 3, p. 275–288, 2004.

KAO, I.; CHANG, L. Long-term effects of leisure education on leisure needs and stress in older adults. **Educational Gerontology**, v. 43, n. 7, p. 356–364, 2017.

LÁZARO, Y.; MONTEAGUDO, M. J. Revisión bibliográfica sobre Educación del Ocio. In C. C. Ayuso (ed.), **Educación del Ocio: Propuestas internacionales**. Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio. 2002.

LOVELL, T. A.; DATTILO, J.; JEKUBOVICH, N. J. Effects of leisure education on women aging with disabilities. **Activities, Adaptation & Aging**, v. 21, n. 2, p. 37–58, 1996.

MAHON, M. J.; SEARLE, M. S. Leisure Education: Its Effect on Older Adults. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 64, n. 4, p. 36–41, 1994.

MARTÍNEZ, S. Ocio y desarrollo personal en la vejez. Adoz: **Boletín del Centro de Documentación en Ocio**, v. 24, p. 9-15, 2002.

MCMAHAN, C. M. **The psychosocial effects of a leisure education program on caregivers of aging adults with dementia** [Ph.D., University of Arkansas]. 2007.

MOBLEY, T. A. Leisure education and the quality of life. In: Mundy, J. (Ed.) **Leisure Education and the Quality of life**. Florida State Univ., Tallahassee. 130p. 1975.



MUNDY, J. **Leisure education: Theory and practice.** 2 ed. Champaign, IL: Sagamore, 1998.

NOUR, K.; DESROSIERS, J.; GAUTHIER, P.; CARBONNEAU, H. Impact of a Home Leisure Educational Program for Older Adults Who Have Had a Stroke (Home Leisure Educational Program). **Therapeutic Recreation Journal**, v. 36, n. 1, p. 48–64, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO LAZER (OML). **World Leisure Organization Charter For Leisure.** Disponível em: https://www.worldleisure.org/wlo2019/wpcontent/uploads/2020/10/International_Charter_For_Leisure.pdf Acesso em: 12 mai. 2021. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **‘We have added years to life, it’s time to add life to years.’** 2019. Disponível em: <https://www.un.org/pt/desa/%E2%80%98we-have-added-years-life-it%E2%80%99s-time-add-life-years%E2%80%99> Acesso em: 7 mai. 2021.

OMS. **Decade of Healthy Ageing Plan of Action.** Genebra, Organização Mundial da Saúde. 2020. Disponível em: [decade-proposal-final-apr2020-en.pdf](https://www.who.int/publications/i/item/9789289100000) (who.int). Acesso em: 7 mai. 2021.

OMS. **Ageing and health.** 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 22 mar. 2023.

RITCEY, A., SINGLETON, J., WEBBER, K., KING, A., COOK, J., HOPPER, T. An Exploratory Study as to the Effect of a Leisure Education Program on a Geriatric Day Hospital Patient Population. **Activities, Adaptation and Aging**, v. 40, n. 2, p. 150–163, 2016.

SCHOLL, K. G., DIESER, R. B., DAVISON, A. Together We Play: An Ecological Approach to Inclusive Recreation. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 39, n. 4, p. 299-311, 2005.

SEARLE, M. S., MAHON, M. J. Leisure education in a day hospital: The effects on selected social-psychological variables among older adults. **Canadian Journal of Community Mental Health**, v. 10, n. 2, p. 95–109, 1991.

SEARLE, M. S., MAHON, M. J., ISO-AHOLA, S. E. Enhancing a sense of independence and psychological well-being among the elderly: A field experiment. **Journal of Leisure Research**, v. 7, n. 2, p. 107–124, 1995.

SEARLE, M. S., MAHON, M. J., ISO-AHOLA, S. E. Examining the long term effects of leisure education on a sense of independence and psychological well-being among the elderly. **Journal of Leisure Research**, v. 30, n. 3, p. 331–340, 1998.

SHANNON, C. S. Leisure education within the context of a childhood obesity intervention programme: parents’ experiences. **World Leisure Journal**, v. 54, n. 1, p. 16-25, 2012.

SHIMURA, K. **The effects of leisure education on life satisfaction and leisure satisfaction among Japanese American older adults.** 1994.

SIVAN, A.; STEBBINS, R. A. Leisure education: definition, aims, advocacy, and practices – are we talking about the same thing(s)? **World Leisure Journal**, Reino Unido, v. 53, n. 1,



p. 27–41, 2011.

STEWART, W. R. **Leisure education and older women's participation in leisure activities** [M.Sc., University of Manitoba (Canada)]. 2000.

WILKINSON, S., KMIECIK, K., HARVEY, W. Community connections: Leisure education through afterschool programming, **Leisure/Loisir**, v. 44, n. 3, p. 1-19, 2020.

YOON, H.; HUBER, L.; KIM, C. Sustainable Aging and Leisure Behaviors: Do Leisure Activities Matter in Aging Well? **Sustainability**, v. 13, n. 4, p. 2348, 2021.